

Os museus na representação da cultura do mar. Conservação *versus* futuro do património marítimo

Dóris Simões dos Santos

Os museus baseiam a sua missão em torno de activações mnemónicas que ascendem a uma índole quase intocável e por vezes oferecem séria resistência a novas influências. Prende-se esta comunicação com uma reflexão sobre o conceito de “museu marítimo”, analisando-o à luz da redefinição das práticas de activação patrimonial do mar, onde os programas museológicos têm responsabilidade. Analisa-se o seu papel na dialéctica conservação *versus* interpelação da “memória do mar”, tanto na esfera regional, como na representação da sempiterna relação de Portugal com o mar, assim questionando o contributo dos acervos e exposições.

As tradições marítimas tornaram-se num dos arquétipos identitários portugueses mais assimilados, mas muitos problemas assomam quando pretendemos musealizar o património marítimo. Primeiro, urge um maior esforço de reflexão conceptual. Depois, ao nível do estudo e do inventário, regista-se a falta de normalização terminológica e de partilha de informação. Se a herança marítima portuguesa ainda não é devidamente reconhecida, nem são tomadas medidas protectoras, lastima-se de igual modo a falta de conexão entre as entidades museológicas vocacionadas para a sua conservação e divulgação.

Por outro lado, o intento de ultrapassarmos um discurso paternalista sobre as comunidades piscatórias, que escamoteia as fragilidades da época nostálgica, pode tornar-se problemático aos responsáveis pelas “instituições de memória” (Pierre Nora) quando os próprios grupos são muito arreigados à construção mítica, como deparamos na tradicional vila piscatória da Nazaré, cuja identidade ainda vive da herança marítima que, há 50 anos, era indissociável da imagem do país. Aqui, a insistência numa memória ligada à pesca surge como a efectiva âncora da comunidade, sujeita a tão rápidas mudanças económico-sociais nas últimas décadas.

Perante a impossibilidade de regressar ao passado, os museus podem constituir o espaço privilegiado para acção dos processos memoriais, onde a comunidade encontre as referências do equilíbrio perdido. No entanto, o poder desta função demanda uma reflexão atenta sobre que memória os museus estão a produzir e o modo como esta serve / se serve o / do turismo, ao qual não se deve atribuir exclusiva responsabilidade na elaboração de estereótipos identitários.

Assim se problematiza o compromisso dos museus marítimos no favorecimento de mecanismos de “interpelação da memória”, que interroguem a contemporaneidade piscatória e como os futuros desafios dialogam com um passado sobre o qual se continua a (re)viver.

Esta proposta de reflexão sobre os campos de actuação dos museus marítimos deve ainda reconhecer que a representação da “cultura do mar” demanda múltiplos protagonistas e um trabalho interdisciplinar de permanente reinvenção das colecções museológicas, que confrontem as tradicionais perspectivas etnográficas, históricas ou técnicas com entendimentos

mais criativos. Entre estes últimos, e sabendo como o mar sempre se arrogou de um singular potencial estético, a arte pode alvittrar componentes reflexivas interessantes. Com este propósito, intenta-se, finalmente, identificar práticas de valorização da arte em museus marítimos, onde esta pode desempenhar uma função de conservação ou de interpelação da memória.